



A Santa Sé

CONCELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA E IMPOSIÇÃO DOS PÁLIOS
AOS NOVOS ARCEBISPOS METROPOLITANOS
NA SOLENIDADE DOS SANTOS PEDRO E PAULO **HOMILIA DO PAPA BENTO XVI**

Basílica Vaticana

Terça-feira, 29 de Junho de 2010

(Vídeo)

Livrete da Celebração: [1](#), [2](#), [3](#)

[Imagens da celebração](#)

Queridos irmãos e irmãs!

Os textos bíblicos desta Liturgia eucarística da solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, na sua grande riqueza, põem em evidência um tema que se poderia resumir assim: Deus está próximo dos seus fiéis servos e liberta-os de qualquer mal, e liberta a Igreja dos poderes negativos. Trata-se do tema da liberdade da Igreja, que apresenta um aspecto histórico e outro mais profundamente espiritual.

Esta temática atravessa toda a liturgia da palavra de hoje. A primeira e a segunda Leituras falam, respectivamente, dos Santos Pedro e Paulo ressaltando precisamente a acção libertadora de Deus em relação a eles. Sobretudo o texto dos *Actos dos Apóstolos* descreve com abundância de pormenores a intervenção do anjo do Senhor, que liberta Pedro das correntes e o conduz para fora da prisão de Jerusalém, onde o rei Herodes o tinha feito encarcerar, sob estrita vigilância (cf. *Act* 12, 1-11). Paulo, ao contrário, escrevendo a Timóteo quando já sentia próximo o fim da vida terrena, faz um balanço do qual sobressai que o Senhor Ihe tinha estado sempre próximo, o libertou de tantos perigos e ainda o libertará introduzindo-o no seu Reino eterno (cf. *2 Tm* 4, 6-8.17-18). O tema é reforçado pelo Salmo responsorial (cf. *Sl* 33), e encontra um particular desenvolvimento também no trecho evangélico da confissão de Pedro, onde Cristo promete que os poderes do inferno não prevalecerão sobre a sua Igreja (cf. *Mt* 16, 18).

Vendo bem observa-se, em relação a esta temática, uma certa progressão. Na primeira Leitura é

narrado um episódio específico que mostra a intervenção do Senhor para libertar Pedro da prisão; na segunda Paulo, com base na sua extraordinária experiência apostólica, está convencido de que o Senhor, que já o libertou "da boca do leão", o libertará "de qualquer mal" abrindo-lhe as portas do Céu; no Evangelho, ao contrário, já não se fala dos Apóstolos individualmente, mas da Igreja no seu conjunto e da sua segurança em relação às forças do mal, entendidas no sentido amplo e profundo. Deste modo vemos que a promessa de Jesus – "os poderes do inferno não prevalecerão" sobre a Igreja – abrange as experiências históricas de perseguição de que foram vítimas Pedro e Paulo e as outras testemunhas do Evangelho, mas vai além, querendo garantir a protecção sobretudo contra as ameaças de tipo espiritual; segundo quanto escreve o próprio Paulo na *Carta aos Efésios*: "Nós não temos de lutar contra a carne e o sangue, mas contra os Principados, Potestades, contra os Dominadores deste mundo tenebroso, contra os espíritos malignos espalhados pelos ares" (*Ef 6, 12*).

De facto, se pensarmos nos dois milénios de história da Igreja, podemos observar que – como tinha prenunciado o Senhor Jesus (cf. *Mt 10, 16-33*) – nunca faltaram para os cristãos as provas, que nalguns períodos e lugares assumiram carácter de verdadeiras perseguições. Mas elas, apesar dos sofrimentos que provocam, não constituem o perigo mais grave para a Igreja. O dano maior, de facto, é-lhe causado por aquilo que polui a fé e a vida cristã dos seus membros e das suas comunidades, corrompendo a integridade do Corpo místico, enfraquecendo a sua capacidade de profecia e de testemunho, ofuscando a beleza do seu rosto. Esta realidade já é afirmada pelo episcopado paulino. A *Primeira Carta aos Coríntios*, por exemplo, responde precisamente a alguns problemas de divisões, incoerências, infidelidades ao Evangelho que ameaçam seriamente a Igreja. Mas também a *Segunda Carta a Timóteo* – da qual ouvimos um trecho – fala dos perigos dos "últimos tempos", identificando-os com atitudes negativas que pertencem ao mundo e que podem contagiar a comunidade cristã: egoísmo, vaidade, orgulho, apego ao dinheiro, etc. (cf. *3, 1-5*). A conclusão do Apóstolo é tranquilizadora: os homens que praticam o mal – escreve – "não irão muito longe, porque a sua estultice será evidente a todos" (cf. *3, 9*). Há portanto uma certeza de liberdade garantida por Deus à Igreja, liberdade quer dos vínculos materiais que procuram impedir ou circunscrever a sua missão, quer dos males espirituais e morais, que podem corroer a sua autenticidade e credibilidade.

O tema da liberdade da Igreja, garantida por Cristo a Pedro, tem também uma conexão específica com o rito da imposição do Pálio, que [hoje renovamos para trinta e oito Arcebispos Metropolitanos](#), aos quais transmito a minha saudação muito cordial, fazendo-a extensiva com afecto a quantos quiseram acompanhá-los nesta peregrinação. A comunhão com Pedro e com os seus sucessores, de facto, é garantia de liberdade para os Pastores da Igreja e para as próprias Comunidades que lhes estão confiadas. E isto em ambos os planos ressaltados nas reflexões precedentes. No plano histórico, a união com a Sé Apostólica garante às Igrejas particulares e às Conferências Episcopais a liberdade em relação a poderes locais, nacionais ou supranacionais, que podem em certos casos obstar à missão eclesial. Além disso, e mais essencialmente, o ministério petrino é garantia de liberdade no sentido da plena adesão à verdade, à tradição

autêntica, de modo que o Povo de Deus seja preservado de erros relativos à fé e à moral. Portanto, o facto de que, todos os anos, os novos Metropolitas venham a Roma para receber o Pálio das mãos do Papa deve ser entendido no seu significado próprio, como gesto de comunhão, e o tema da liberdade da Igreja oferece-nos uma chave de leitura particularmente importante. Isto torna-se evidente no caso de Igrejas marcadas por perseguições, ou submetidas a ingerências políticas ou outras duras provas. Mas isto não é menos relevante no caso de Comunidades que sofrem a influência de doutrinas ambíguas, ou de tendências ideológicas e práticas contrárias ao Evangelho. Por conseguinte, o Pálio torna-se, neste sentido, um penhor de liberdade, analogamente ao "jugo" de Jesus, que Ele convida a carregar, cada um sobre os próprios ombros (cf. *Mt* 11, 29-30). Como o mandamento de Cristo – mesmo se exigente – é "doce e leve" e, em vez de pesar sobre quem o carrega, o eleva, assim o vínculo com a Sé Apostólica – mesmo sendo empenhativo – apoia o Pastor e a porção da Igreja confiada aos seus cuidados, tornando-os mais livres e fortes.

Gostaria de tirar uma última indicação da Palavra de Deus, sobretudo da promessa de Cristo que o poder do inferno não prevalecerá sobre a sua Igreja. Estas palavras podem ter também um valor ecuménico significativo, dado que, como há pouco mencionei, um dos efeitos típicos da acção do Maligno é precisamente a divisão no interior da Comunidade eclesial. De facto, as divisões são sintomas da força do pecado, que continua a agir nos membros da Igreja também depois da redenção. Mas a palavra de Cristo é clara: "*Non praevalerunt* – não prevalecerão" (*Mt* 16, 18). A unidade da Igreja está radicada na sua união com Cristo, e a causa da plena unidade dos cristãos – que se deve sempre procurar e renovar, de geração em geração – é também apoiada pela sua oração e promessa. Na luta contra o espírito do mal, Deus doou-nos em Jesus o "Advogado" defensor e, depois da sua Páscoa, outro Paráclito" (cf. *Jo* 14, 16), o Espírito Santo, que permanece connosco para sempre e conduz a Igreja para a plenitude da verdade (cf. *Jo* 14, 16; 16, 13), que é também plenitude da caridade e da unidade. Com estes sentimentos de esperança confiante, sinto-me feliz por saudar a Delegação do Patriarcado de Constantinopla que, segundo o bom costume das visitas recíprocas, participa nas celebrações dos Santos Padroeiros de Roma. Juntos demos graças a Deus pelos progressos nas relações ecuménicas entre católicos e ortodoxos, e renovemos o compromisso de corresponder generosamente à graça de Deus, que nos conduz à plena comunhão.

Queridos amigos, saúdo cordialmente cada um de vós: Senhores Cardeais, Irmãos no Episcopado, Senhores Embaixadores e Autoridades civis, em particular o Presidente da Câmara Municipal de Roma, sacerdotes, religiosos e fiéis leigos. Agradeço-vos a vossa presença. Os Santos Apóstolos Pedro e Paulo vos obtenham que ameis cada vez mais a santa Igreja, Corpo místico de Cristo Senhor e mensageira de unidade e de paz para todos os homens. Vos obtenham também que ofereçais com alegria para a sua santidade e missão as fadigas e os sofrimentos suportados pela fidelidade ao Evangelho. A Virgem Maria, Rainha dos Apóstolos e Mãe da Igreja, vele sempre sobre vós, em particular sobre o ministério dos Arcebispos Metropolitanos. Que, com a sua ajuda celeste, possais viver e agir sempre naquela liberdade, que

Cristo nos obteve. Amém.

© Copyright 2010 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana